

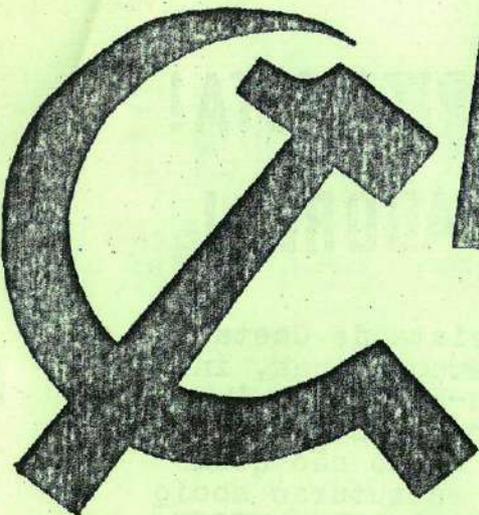
Nº 3868

PSR

2013/04/10

Nº 13710

Nº I  
JANEIRO 75  
Preço: 2000



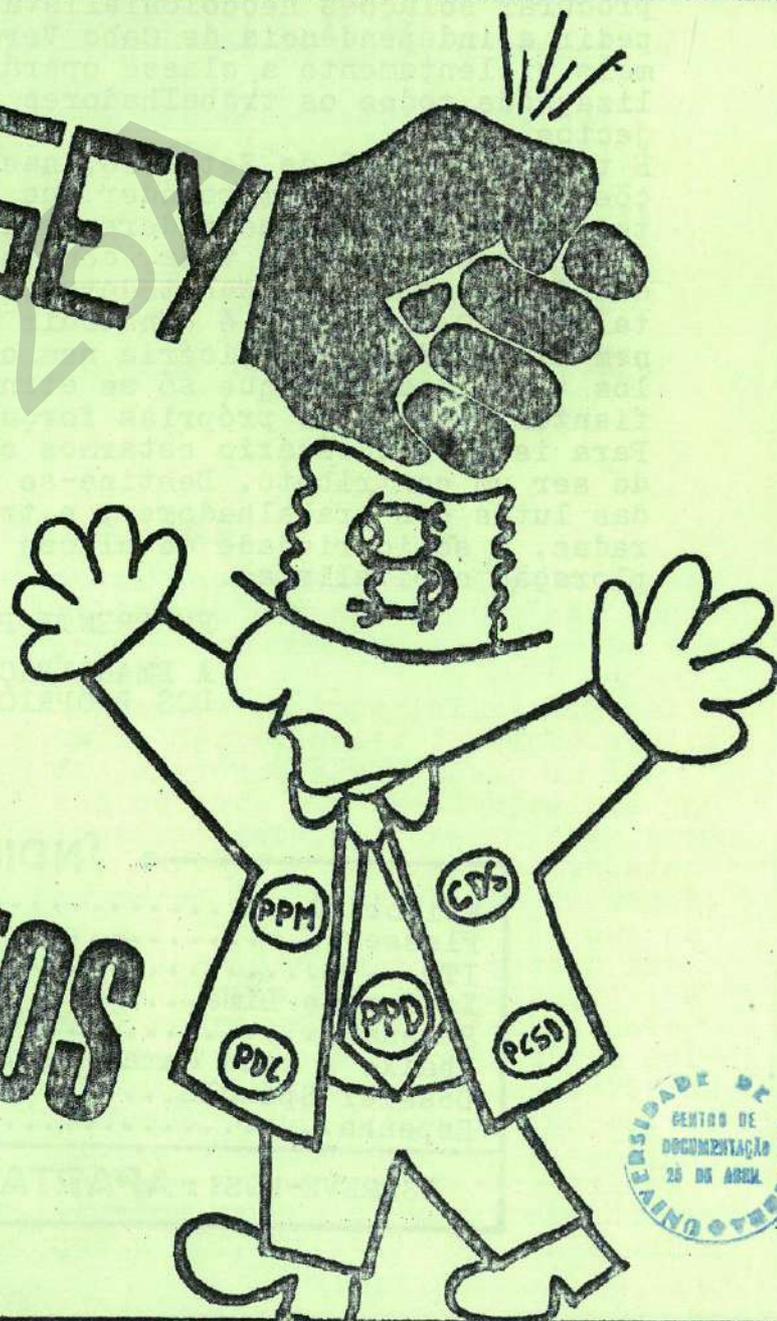
# ACÇÃO OPERÁRIA

JORNAL DE TRABALHADORES DO CONCELHO DE ALMADA

# PLESSEY NÃO!

AOS

# DESPEDIMENTOS



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
CENTRO DE  
DOCUMENTAÇÃO  
28 DE ABRIL

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES

# CONTRA A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA!

## VIVA A LUTA DOS TRABALHADORES!

Após o 25 de Abril e com o derrube do regime fascista de Caetano, a classe operária, aproveitando das liberdades democráticas, iniciou novas lutas, novas reivindicações, organizou-se nas comissões de trabalhadores, nos sindicatos, em partidos políticos. Porém se é certo que o regime terrorista caiu, o mesmo não quer dizer que a exploração e a opressão acabaram. As estruturas socio-económicas continuam a ser as mesmas, O CAPITALISMO REINA NESTE PAÍS. As leis contra os trabalhadores começam a sair: lei da greve, lei de associação, etc; a repressão violenta surge: ameaça de militarização dos CTT, assassinato de V. Bernardes, prisão de soldados e trabalhadores anti-fascistas; e Spínola prepara a toda a pressa um golpe militar que a coberto da "Maioria Silenciosa" iria procurar soluções neocolonialistas para Angola e Moçambique e impedir a independência de Cabo Verde e S. Tomé, e reprimir ainda mais violentamente a classe operária. Foi a resistência e a mobilização de todos os trabalhadores que impediu o triunfo desses projectos.

E tal como no 28 de Setembro, nas centenas de greves e manifestações começamos a compreender que só com a nossa luta, independente e organizada é que poderemos afrontar os capitalistas, lutar contra a carestia de vida, contra os despedimentos, abafar a voz dos reaccionários e sabotadores, destruir definitivamente o capitalismo. O nosso fim é construir uma sociedade sem exploradores nem explorados, sem miséria nem opressão, gerida e controlada pelos trabalhadores, que só se atinge pelo combate sem tréguas, confiantes nas nossas próprias forças de classe.

Para isso é necessário estarmos conscientes e este jornal pretende ser um contributo. Destina-se fundamentalmente a divulgação das lutas dos trabalhadores, e troca de experiências entre camaradas, à solidariedade de classe na luta contra a opressão e exploração capitalistas.

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES.

### ÍNDICE

Editorial.....	pág. 1
Plessey.....	pág. 3
ITT.....	pág. 6
Xavier de Lima.....	pág. 7
Setenave.....	pág. 8
Abaixo a vida cara.....	pág. 9
Dossier Spínola.....	pág. 10
Espanha.....	pág. 11

ESCREVE-NOS! : APARTADO 27, COVA DA PIEDADE

# PLESSEY

## NÃO AOS DESPEDIMENTOS

Os capitalistas pretendem encerrar a secção das matrizes e ameaçam despedir cerca de 400 operárias. Para além disto centenas de trabalhadores doutras secções estão também em vias de serem despedidos.

A Automática Elect. Port. é uma das muitas multinacionais que se instalou em Portugal aproveitando as condições que lhe permitiam explorar os trabalhadores pagando-lhes uns miseráveis escudos ao fim do mês. Só em 1972 os seus lucros foram de 38.680 contos isto é, realizou só nesse ano 77,4% do seu capital.

Agora vêm dizer que não têm dinheiro; que se não despedem centenas de trabalhadores, a fábrica encerra; que não têm mercados, etc, etc, etc. Mas tentam dividir os trabalhadores oferecendo bónus de 100 CONTOS para quem aceite o despedimento voluntário...

Ouvimos dizer isto na Standard Eléctrica (ITT) na Applied Magnetics na Signetics, na General Inst. Lusitana, etc.

Porém os trabalhadores da Plessey já não é a primeira vez que lutam contra os capitalistas. A sua luta vem já do tempo do fascismo e agora a sua organização é mais forte, a sua disposição de lutar e não permitir nem um só despedimento é cada vez mais firme.

Contudo a luta dos trabalhadores da Automática não é só a luta do sector do material eléctrico É O COMBATE DE TODOS OS TRABALHADORES CONTRA A SABOTAGEM ECONÓMICA, CONTRA AS MANOBRAS DOS CAPITALISTAS.

Solidarizemo-nos com os nossos camaradas da Automática, apoiando e divulgando a sua luta!

## ENTREVISTA COM UM TRABALHADOR

P- Qual o significado da luta dos trabalhadores da PAEP?

R- A luta dos trabalhadores da Plessey está inserida, em todas as lutas do Material Eléctrico, devido à grande exploração que os monopólios deste sector de indústria vêm exercendo sobre a classe operária.

Após o 25 de Abril essa luta teve condições novas a desenvolver-se, pois já não houve aquela repressão violenta, que nos era dirigida a nós trabalhadores.

Neste momento o patronato tenta economicamente sabotar todo um processo, que se quer de trabalhadores. Como é que eles fazem isso, precisamente com os despedimentos, quer dizer é uma das formas que hoje o ca-

pital imperialista usa para desmobilizar a classe, além de não cumprirem contratos na maior parte das vezes.

Oferecem os imperialistas, regalias de despedimento bastante avultadas, chegou a haver bónus de 100 contos para quem se despedisse voluntariamente, num determinado prazo foi assim que ficámos desfalcados em cerca de 60 camaradas da secção de matrizes, que é a secção que está a depender mais do sector inglês. Convém não esquecer que a PAEP ocupa uma situação bastante impar, em relação às restantes multinacionais, porque cerca de 70% da produção fica cá mesmo e só os restantes 30% são para exportação. Nesta base a Plessey oferece talvez trunfos para a classe trabalhadora que a ITT, Aplied ou qualquer outra

(continua na pag. 4)

multinacional poderia não oferecer.

Pode-se sintetizar tudo isto dizendo, que hoje em dia na PAEP os camaradas trabalhadores lutam contra os despedimentos, já com uma consciência bastante elevada, contra o boicote económico internacional que se está a fazer, e nós também não temos dúvidas nenhuma de que a CIA deve ter uma parte bastante importante nisto tudo, senão directamente, através das suas redes internacionais, é por tudo isto que todos estamos unidos, pois só os trabalhadores poderão resolver os seus problemas.

P- Como encaram os trabalhadores as ameaças do patronato?  
Quais são as reivindicações exigidas?

R- Ao princípio, como é normal, gerou-se uma certa confusão, embora sectores mais avançados da classe operária já estivessem prevenidos, de que as ameaças de despedimentos viriam a acontecer.

Houve um bocado de dificuldade em fazer ver aos camaradas, que o mal que batia nas outras multinacionais, teria fatalmente de vir bater à nos sa porta, hoje porém, posso dizer que todos os camaradas estão a reagir favoravelmente à mobilização que, lhes é imposta nesta luta de classes. Estou convencido de que unidos e coesos, <sup>em</sup> torno da defesa dos nossos mais elementares direitos, chegaremos a um termo favorável. Pessoalmente estou optimista em relação à forma, como esta luta vem a ser dirigida.

As únicas reivindicações dos trabalhadores da Automática são:

- Não a toda e qualquer forma de despedimentos.

- Não a salários a meio tempo ou a part-times.

São estas as nossas exigências, é isto que desejamos que o Governo Provisório atente, pois consideramos que o direito ao trabalho é fundamental, é sagrado em qualquer tipo de Sociedade, muito mais nesta, que se diz democrática. Portanto nós não admitimos qualquer despedimento sem justa causa, e nunca também admitiremos, qualquer redução no salário

nem qualquer trabalho que não seja em tempo inteiro, conforme consta no C.C.T.

P- Como é que os trabalhadores estão organizados?

R- A forma como nós estamos organizados não é original, primeiro, depois do 25/4 compôs-se o quadro de delegados sindicais já lá existente.

Posteriormente ao 25/4 criou-se um conselho de trabalhadores que em conjunto com os delegados sindicais constituem uma frente única na representatividade e defesa intransigente dos anseios dos 3.900 trabalhadores que constituem a Plessey.

Estou optimista em relação à condução desta luta, pelas justas reivindicações que ao fim e ao cabo todos nós temos direito a eles.

Empresas	Capital social (contos)	Lucro líquido (contos)	% Lucro/ capital
Standard Eléctrica — FEE ...	170 000	37 815	22,24
Plessey — Aut. Eléctrica ...	80 000	23 050	28,83
General Inst. Lusitana .....	3 000	21 031	702,35
Control Data .....	2 500	12 551	502,00
Facel .....	10 000	12 173	121,70
Siemens .....	20 000	6 200	3,10
D. S. Eléctricos .....	2 500	1 257	50,28
Emp. Electro-Cerâmica .....	5 000	3 252	65,04
S. I. P. E., S.A.R.L. ....	20 000	4 753	23,77
Motra, S.A.R.L. ....	15 000	5 423	36,15
Fapae, S.A.R.L. ....	10 000	2 506	25,06

FONTE: «Diário do Governo», III Série, 1073.

Todas estas considerações são feitas com base nas LUCROS DECLARADOS pelas empresas.

Mas nós, os trabalhadores, sabemos que esse lucro declarado não correspondem à realidade.

P- Qual tem sido o papel do sindicato na luta?

R- Não só sindicato mas sindicatos porque nós temos bastantes sindicatos a representarem-nos. Infelizmente sou obrigado a dizer que o papel dos sindicatos na luta do sector de Mat. Elect. tem sido nula. Presentemente os trabalhadores não têm nenhuma confiança nos sindicatos. Vimos o papel desastroso que o sindicato dos Electricistas teve em várias lutas do sector de Mat. Elect.

Até agora temos conseguido resolver os nossos problemas não em cúpulas, não estou a acusar os sindicatos de cúpulas mas convém frisar que estamos a resolver os nossos problemas a partir realmente das bases. As bases têm todo o conhecimento do que se vai processando na nossa luta e chegam infalivelmente a uma conclusão: o verdadeiro sindicato são precisamente os camaradas que estão em luta.

P- O Ministério do Trabalho tem intervenido?

R- O caso do Ministério do Trabalho torna-se melindroso. Largas camadas de trabalhadores já conscientes dos seus direitos, verificam que o M.T. nas lutas em que interveio como árbitro, e presentemente na luta da Automática pouco ou nada tem ajudado a classe trabalhadora.

Enquanto o Governo se mantiver entre as 10 e as 11, ou seja enquanto não pender definitivamente para um lado e estiver do lado do capitalismo, pois não duvidemos que os trabalhadores <sup>vão</sup> alinharão com esse Governo ou com o seu Ministério do Trabalho.

Quero frisar que não é com n uma atitude quase que neutra que se conseguirão resolver os problemas dos trabalhadores em Portugal. Em última análise os trabalhadores ficarão sempre a perder porque o capital continuará a ter a força ficando os trabalhadores a penas com a razão e nada mais do que isso.

\*



## ÚLTIMA HORA:

Na sexta feira, dia 3, a administração inglesa da Plessey tentou obter elementos que permitissem elaborar as listas dos despedimentos a fazer.

Prontamente os trabalhadores impediram que isso acontecesse.

Não satisfeitos, os capitalistas procuram então em Cabo Ruivo obter esses dados. Contudo a pronta resposta dos camaradas fez com que mais uma vez isso não fosse realizado.

Estas atitudes mostram claramente quais são as atitudes dos imperialistas ingleses e dos seus comparsas portugueses: despedir os trabalhadores,

CAMARADAS: estejamos atentos e preparemo-nos para apoiar sem reservas os nossos camaradas da P.A.E.R.

**NÃO AOS DESPEDIMENTOS!**

# NÃO ao patrão ! NÃO as demissões ! NÃO aos despedimentos !

Camaradas trabalhadores da ITT:

Assistimos desde o 3.º plenário a uma descarada negociata entre os sindicatos, a administração da fábrica e o Ministério do Trabalho.

A fábrica, ou os mercados para quem ela produz, estão em crise. E nos operários, será que não temos crise nos bolsos para estarmos a dar o nosso salário, ou parte, ao patrão? Desde a fixação da fábrica em Portugal, fomos sempre nós que andamos em crise, com falta de dinheiro que nos chegasse para subsistir, e nunca os patrões, apesar dos seus fabulosos lucros se prontificaram a ajudar-nos nas nossas crises. Agora que são os nossos camaradas que têm dificuldades, logo apelam, apoiados pelas entidades oficiais, para que os operários contribuam com os seus salários, a fim de que o capitalismo continue a sobreviver, e com ele a exploração desenfreada do homem pelo homem. Tentam todas as artimanhas e atrocidades contra o mais elementar direito do homem: o trabalho, direito a ser explorado, direito a vender a sua força a fim de garantir meios de subsistência. Mesmo assim nos negam esse direito a todo o momento.

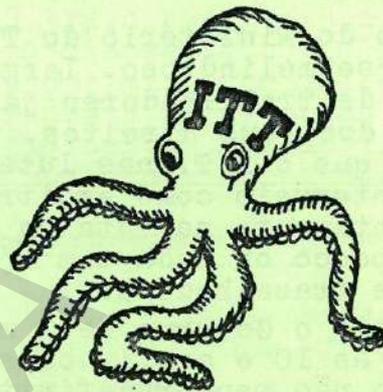
A isto não olha o Ministério do Trabalho, a isto não olham os sindicatos e os partidos políticos que se dizem representantes dos trabalhadores, os quais pactuam com o capital através das negociatas mais incríveis, que são uma autêntica negação do direito ao trabalho.

Pois se o capital está em crise, nós, trabalhadores, não podemos nem devemos contribuir para que ele se recomponha; pelo contrário, as massas operárias só têm uma coisa a fazer: intensificarmos as nossas lutas, dizer não ao patrão, organizarmo-nos dando origem a grandes movimentações operárias nas fábricas e nos locais de trabalho, erguendo uma organização autónoma dos trabalhadores, obrigando as comissões sindicais e os sindicatos a cumprir as tarefas com que se comprometeram perante os trabalhadores para que não continuem a funcionar apenas como serviços de consulta, mas sim como verdadeiros meios de acção de que os trabalhadores se possam utilizar, para obrigar o Governo a emitir leis operárias e não leis antioperárias e a favor dos patrões.

Só existe uma explicação: a ITT quer arrancar de cá com os caríssimos equipamentos e pô-los noutra país que lhe garanta melhor margem de lucro contribuindo assim cá no País para um mal-estar geral, para um aumento do número de trabalhadores despedidos e que só tem um fim: lançar a confusão nas massas trabalhadoras para assim alcançarem uma possível viragem política que lhes garanta as mesmas condições de antes do 25 de Abril: isenção do imposto fiscal, e de tarifas alfandegárias, mão-de-obra barata e em grande quantidade e repressão intensa sobre os trabalhadores que se revoltam.

Os pedidos de demissão apresentados pelos operários e operárias (cerca de 750) à empresa são o resultado de toda a confusão já lançada pelo administrador da empresa.

Camaradas: o bónus que a empresa oferece depressa se gasta e depois nem trabalho nem dinheiro. Além de enfraquecer a luta na empresa, a demissão traz a divisão dos restantes que é afinal o que o patrão quer, podendo assim manobrar à sua vontade o que mais lhe convém: conseguir uma margem de lucros igual ou superior à que tinham antes do 25 de Abril. Isto tudo «ajudados» pelos operários que descuidadamente se lançaram no desemprego com a mira do bónus.



Lutar contra o desemprego não pode ser aceitar e colaborar em negociações: pelo contrário é dizer não ao patrão é dizer não aos despedimentos e não às demissões,

- vigilância nos locais de trabalho; denunciando alterações ou retirada de máquinas;
- organização autónoma dos trabalhadores para a formação de piquetes de vigilância;
- solidariedade com as outras empresas do grupo ITT: Aviz, Standard Electric, Imprimarte, Oliva, Rabor, etc.;
- solidariedade com as outras empresas electrónicas;
- divulgação da nossa luta e das razões porque lutamos.

Juntando a isto a forte decisão de todos os operários da ITT, os exploradores americanos verão que quando queremos acabamos com a opressão, com a exploração, com os atropelos desses abutres que vêm para a Europa, com a única finalidade de chupar o sangue aos trabalhadores.

- Onde pára a comissão sindical?
- Porquê o silêncio do sindicato?
- Porquê o silêncio dos partidos que dominam as comissões sindicais, os sindicatos, e que estão no Governo como representantes dos operários?
- Porquê o silêncio do próprio Governo?
- Não aos despedimentos!
- Fim ao desemprego e à fome!
- Abaixo a burguesia reacçãoária!
- Em frente nas lutas da classe operária!

(Um grupo de operários da ITT dos comités operários de zona)

# XAVIER DE LIMA:

## OS TRABALHADORES EM LUTA

Em apenas quinze anos António Xavier de Lima, partindo do zero ganhou milhões, isto só foi possível graças à protecção que lhe dava o antigo regime, e ao sistema capitalista que mantinha de pé as ambições deste rico ousado, e as subsidiava com os seus financiamentos. Este homem conseguiu atingir esta posição, com investimentos do género de comprar terrenos a 1\$40 o metro quadrado e vendê-los a 200 e 300 escudos, vendendo o mesmo andar a 2 pessoas, enfim espoliando centenas e centenas de pequenos proprietários a quem comprava os terrenos por tuta-e-meia, e explorando milhares de trabalhadores que investiam as suas economias, para compra de habitação própria, confiando nas boas intenções deste senhor.

Este capitalista, como bom reaccionário que é, logo a seguir ao 25 de Abril, tratou de dispensar alguns trabalhadores, tomando outros a iniciativa de se despedirem, ficando assim reduzidos a 300 os 800 trabalhadores até aí existentes, outra das manobras, foi que depois de ter assinado em presença de um delegado do Ministério do Trabalho, um contrato com os motoristas da firma no qual se impediam despedimentos sem justa causa, em 24 de Novembro resolveu despedir 16 dos seus 17 motoristas, manobra à qual os trabalhadores se recusaram a aludir permanecendo no local de trabalho. Este capitalista começa a vender automóveis e camionetas da firma, chegando a vender cerca de 51 Mercedes, vendo isto os trabalhadores montaram piquetes para impedir que saia material dos parques, outra das manobras foi que António Xavier de Lima deixou de comprar materiais de construção civil, mas a comissão de trabalhadores soube que foram dadas subempreitadas a outras firmas, e enquanto este senhor pretendia lançar no desemprego 16 motoristas, máquinas da empresa eram usadas nas subempreitadas, após lhes terem sido retiradas as chapas de identificação.

A solução para o caso da firma António Xavier de Lima - é segundo os trabalhadores - a sua transformação numa firma de utilidade pública.

Queremos virá-la totalmente à construção para trabalhadores. Esta empresa possui uma vastidão de terrenos em Setúbal onde podemos construir bairros de renda resolúvel a preço acessível a trabalhadores. Além disso possui um parque de máquinas e uma frota de camionagem de valor muito importante que podem ser postas ao serviço de uma construção acelerada. Podemos até dar emprego a muitos trabalhadores.

Em contrapartida os trabalhadores querem o afastamento de António Xavier de Lima, pessoa que segundo comprovam não merece confiança e que não deve estar à frente duma empresa que deveria ser de utilidade pública.



LE

DIVULGA

**ACÇÃO  
OPERÁRIA**

escreve para:

APARTADO 27

COVA da PIEDADE

« Em relação ao trabalho do CTS compreendo que devido a limitações de vária ordem o trabalho não pode ainda ter sido muito por aí além e há que dar tempo, há muitos problemas que não podem ser resolvidos de um dia para o outro, até como disse um camarada AGT "se o 25 de Abril não tirou o dinheiro aos capitalistas como pode o CTS tirar o dinheiro à Administração?... »

Acho contudo que o trabalho do CTS deve estar mais em contacto com os trabalhadores, ouvir opiniões, tentar fazer qualquer coisa enfim, mas partindo mais da base, mais dos próprios trabalhadores. Portanto quando surja qualquer problema devem ser os trabalhadores atingidos e em conjunto com as Comissões de Base e o CTS a decidir das acções a tomar para que o CTS vá junto da Administração reivindicar e não ter que ser o CTS só a resolver.

Ainda esta manhã tive conhecimento de que as Comissões de Base vão ser alargadas, concordo plenamente com isso pois o trabalho deve vir mais da base, embora até agora não tenha tido dificuldade em contactar com as C.B. pois conheço-os todos. »

Esta é a opinião de um trabalhador da Setenave, acerca da necessidade de todos os trabalhadores discutirem e resolverem todos os seus problemas, com as comissões de base e o Conselho de trabalhadores.

Efectivamente o Conselho de Trabalhadores da Setenave representa a maioria dos trabalhadores, que apesar das manobras divisionistas no seio da classe e dos atentados de quem se tornou vítima, luta pelos verdadeiros interesses dos trabalhadores.

Na Setenave os trabalhadores lutam por regalias e protecção aos trabalhadores-estudantes, refeições em condições, etc. Pretendem, além disso, o esclarecimento sobre vários

assuntos do interesse dos trabalhadores como, por exemplo, Sindicalismo.

Os trabalhadores, através do C.T.S. repudiam a proposta da administração de possíveis admissões de estudantes que estavam para ingressar nas Faculdades, pois existem milhares de desempregados, chefes de família com grandes encargos.

Um problema bastante importante para os trabalhadores é a carestia de vida, o aumento dos preços, e neste momento lutam por uma reclassificação salarial, que seja realmente justa, de acordo com a inflação verificada.

**PARA CADA SUBIDA DE PREÇOS, UM AUMENTO SALARIAL CORRESPONDENTE!**

**ABAIXO A EXPLORORAÇÃO CAPITALISTA!**

(Continuação da pág.10)

« Na minha barcaça, encontravam-se o tenente Januário e um capitão para-quadista branco, Morais da Silva, que nos ia comandar. Os metropolitanos (portugueses) que ali se encontravam, chamavam-se: Galvão, Leal de Almeida, Mateus, um médico, um tenente da Marinha, o tenente da Marinha Brito e o capitão Morais da Silva. Havia, também, mercenários franceses, um coronel, dois tenentes-coroneis, um major e dois tenentes. O único nome de que me lembro é o do tenente Boirot, ou qualquer coisa parecida que, aliás, tinha vindo para Bissau.

« O barco fundeu cerca da meia noite de 21 de Novembro. Cerca da 1 e 45 da manhã, subimos para os botes e pusémo-nos a caminho.

« Januário tinha por missão interceptar os blindados do

Quartel Alpha Vaya. O meu grupo devia dirigir-se ao Aeroporto. Missão: destruir os «Mig». Eu não conhecia os «Mig». Vi seis aviões, mas disseram-me que eram aviões de transporte. O capitão Morais da Silva ficou junto destes aviões com três para-quadistas e um sargento, todos eles europeus. Nós estávamos com o tenente Boirot (?) e com o cabo-chefe Burry, mesmo no fim da pista. Nada vimos, excepto um radar. No entanto, tinham-nos dito que não havia radar.

« Pouco depois, ouvimos tiros de espingarda. O primeiro tiro, em Conakry, foi disparado contra o Quartel-General do P.A.I.G.C. Foi o tenente da Marinha, com João Lome e os fuzileiros africanos que deveriam ter atacado o P.A.I.G.C.

« Um grupo tinha por missão ocupar a rádio; um outro,

a de eliminar o presidente Sekou Touré. Outros grupos deviam atacar o Quartel Samory, a Esquadra da Polícia, a casa dos cubanos, destruir a central eléctrica, interceptar os blindados e destruir os «Mig».

« Tínhamos atacado às 2 horas na madrugada do dia 22, e o meu bote partiu às 3 e 45. Outros botes partiram às 6 e 03 e às 10 horas da manhã.

« Quando chegámos à ilha de Soga, o general Spínola dirigiu-se ali, para saber como se tinham passado as coisas.

« Foi o capitão-tenente da Marinha, Galvão, quem planeou a operação e tudo fez. A prova disto é que, quando regressou, foi promovido por mérito e distinção. Alguns outros receberam a Cruz de Guerra de 1.ª classe.

« Spínola formou, também, destacamentos de fuzileiros africanos e estava igualmente prevista a formação de um corpo de para-quadistas africanos.

« Os portugueses faziam-nos que os comandos africanos, depois de terem terminado os seus cursos, governariam a Guiné. Era o que o general Spínola contava sempre. Repetia sempre isto aos soldados. Era a motivação para que se fizesse a guerra. E o dinheiro também, evidentemente.

« Quanto ao assassinio de Amílcar Cabral, nada sei verdadeiramente, mas é possível que a coisa tenha partido da Guiné-Bissau. É provável. Dizia-se, também, que Marcelino da Mata tinha participado nesta tragédia. Spínola talvez pensasse que se Cabral morresse, o P.A.I.G.C. enfraqueceria e desapareceria. Enganou-se profundamente.

**JORNAIS PREÇOS**  
**A 4\$00**

Recebemos da Imprensa  
 da Imprensa

**TARIFAS**  
**DE ELECTRICIDADE**

**SODEM**

miniação da montros, facha-  
 anúncios... aumentos...  
 públ-  
 23

O aumento do custo de vida (inflação) é uma das formas de que os capitalistas se servem para recuperar as migalhas do bolo cedido aos trabalhadores nas suas lutas reivindicativas. Os salários conquistados perdem o seu valor real e deixam de estar actualizados, quando se verifica, a subida, sobretudo dos artigos consumidos pelos trabalhadores, os artigos de 1.ª necessidade (alimentação, transportes, jornais etc.).

Para se ter uma ideia melhor basta ver que o salário mínimo nacional de 3 300\$00 que apesar de insuficiente, representa agora, com a subida do custo de vida, 2 700\$00.

Não podemos deixar que os capitalistas nos façam pagar com as nossas misérias, a crise económica de que eles são os únicos culpados.

Por isso a nossa luta pelo aumento dos salários, por melhores condições de vida, a luta contra os despedimentos, contra a exploração capitalista, é uma luta que não pode nunca parar.

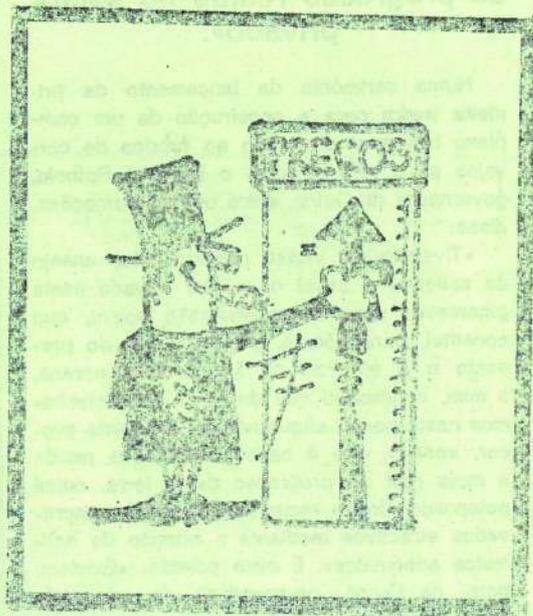
Essa luta começará pela formação de COMITÉS DE VIGILÂNCIA DE PREÇOS nos bairros e nos sindicatos denunciando imediatamente e publicamente todos os aumentos de preços.

- NÃO se pode abandonar a luta por um salário mínimo nacional de 6000\$00.

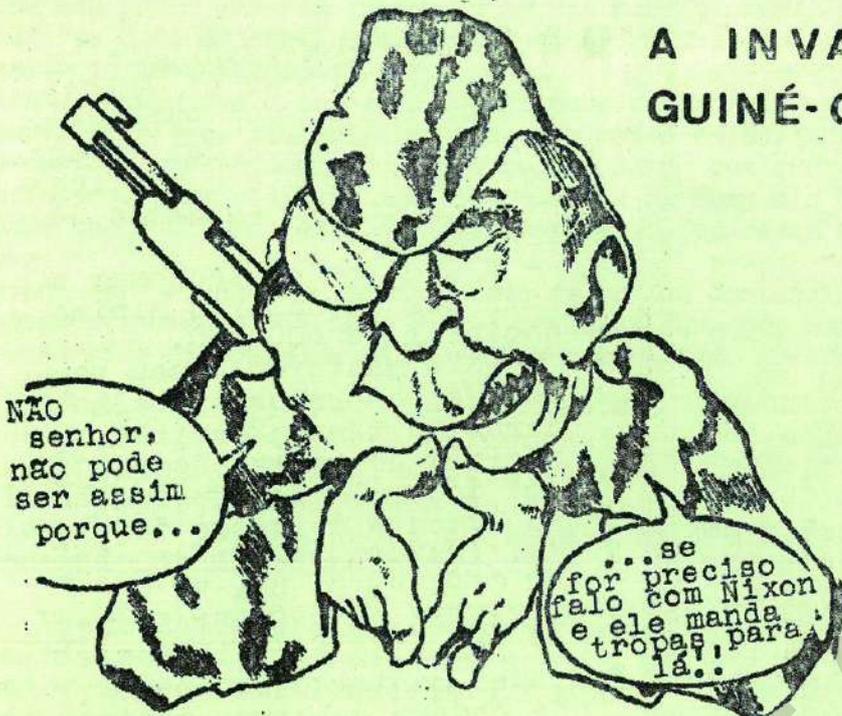
- Para manterem o seu poder de compra os trabalhadores só têm um caminho: exigir a actualização imediata dos salários em função do aumento do custo de vida. **AUMENTO DE SALÁRIO DESDE O PRIMEIRO DIA EM QUE AUMENTEM OS PREÇOS!** Só desta forma os trabalhadores podem manter o seu poder de compra e barrar o caminho às manobras e ofensivas dos capitalistas.

**ABAIXO A VIDA CARA!**

**ABAIXO A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA!**



## A INVASÃO DA GUINÉ-CONAKRY



### Guiné

**General Spínola: «A mola real do progresso reside no sector privado».**

Numa cerimónia de lançamento da primeira pedra para a construção de um complexo industrial destinado ao fabrico de cervejas e de refrigerantes, o General Spínola, governador da Guiné, entre outras afirmações, disse:

«Tivemos em várias oportunidades ensejo de salientar o papel do sector privado nesta gigantesca obra de reconversão social, que constitui, para nós, a grande tarefa do presente e o alicerce do futuro. Não parece, a mim, necessário que de novo nos detenhamos neste ponto, afigurando-se suficiente evocar, apenas, que é nesse sector que reside a mola real do progresso desta terra, cujas potencialidades e recursos oferecem comprovados atractivos mediante a criação de estímulos adequados». E mais adiante: «Existem, pois, na Guiné, perspectivas de adequada remuneração dos capitais para que se vem apelando, sem menosprezo da função social das empresas».

Quatro anos mais tarde, encontramos em Bissau, um dos raros mercenários africanos que conseguiram escapar de Conakry, depois de ter participado, no Exército do general Spínola, na agressão contra Conakry — um antigo membro do grupo de comandos «Vampiros». As suas declarações vêm confirmar o que foi divulgado sobre a invasão de Conakry.

«Fui à Metrópole em Fevereiro de 1969, para ali frequentar um curso de sargentos milicianos, no qual obtive a classificação de 14,5 valores».

«Regressei a Bissau em Julho do mesmo ano. Nessa altura, o governador era o general Antonio de Spínola. A formação da primeira companhia de comandos africanos já estava na ordem do dia».

«Em Janeiro de 1970, estávamos em Cumeré para efectuar um estágio de oficiais. (Cumeré encontra-se na Guiné-Bissau, na região de Nhacra). Esse estágio terminou em 28 de Fevereiro».

«Depois de terminada esta instrução, deixámos Faramadinha em 15 de Novembro de 70».

«Isa a tropa se interrogava: Para onde vamos?»

«Um carro conduziu-nos até Xicoa, onde embarcámos numa L.D.G. (lança de desembarque grande — modelo de cem toneladas). Passámos por Bissau, sem acostar, e navegámos toda a noite».

«Ninguém sabia para onde íamos. De manhã, estávamos em frente de uma ilha, onde avistámos homens a correr e a fazer ginástica. Perguntámos-nos o que significaria aquilo, e, finalmente, soube-mos que nos encontrávamos em frente da ilha de Soga, no arquipélago de Bijagós».

«Ficámos um dia no mar, ao largo desta ilha. No dia seguinte, chegou o capitão-tenente Galvão. Fechou-se na cabina do comandante com o supervisor da Primeira Companhia de Comandos, o major Leal de Almeida. Quando o comandante Galvão partiu, o major chamou-nos. Sentámo-nos em redor de uma mesa e apresentou-nos um mapa da República da Guiné».

«Ides executar uma operação na República da Guiné», disse-nos.

«Recusámos, tanto mais que o próprio major Leal de Almeida não parecia estar de acordo».

«Mantivemo-nos sempre no mar. Na manhã seguinte, vimos chegar o general Spínola, acompanhado do major Leal de Almeida, de Firmínio Miguel (então tenente-coronel) e de um coronel, que era o chefe do Estado-Maior do Gabinete Militar. Isto passou-se exactamente no dia 18 de Novembro».

«De facto, antes do general Spínola chegar, um barco trouxera fuzileiros africanos que se encontravam em Buba. E, depois, quando o general Spínola chegou, formámos sobre uma plataforma da L.D.G. Spínola falava em português e João Bacar traduzia para crioulo».

«E quando o nosso comandante, João Bacar, aceitou a missão, nós os oficiais, fomos obrigados a aceitar (cadeia para aqueles que dissessem: Nós não vamos)».

«A tropa também aceitou. Aplaudimos e demos vivas a Spínola».

«Depois, os soldados começaram a desembarcar na ilha de Soga. Despámos os nossos fardamentos camuflados (que eram portugueses) e vestimos um uniforme verde, género cubano. Recebemos também, cada um de nós, uma A.K., cinco carregadores, um cinturão, porta-carregadores e material completo. RPG 2, RPG 7».

«Os grupos regressaram à base. Eramos seis grupos de 25 homens cada um».

(continua na pag. 8)

# ESPAÑA :

## ABAIXO A DITADURA ASSASSINA !

Neste momento em Espanha as lutas dos trabalhadores espalham-se por todo o lado. Todos os dias centenas e centenas de novos camaradas entram em greve. Os operários das fábricas General Electric, SEAT, Hispano Olivetti, Fash-Renault, etc, e em regiões como Sevilha, Barcelona, Madrid e no País Basco travam-se neste momento lutas ferozes contra os capitalistas e os polícias fascistas.

Ao mesmo tempo a repressão intensifica-se. Franco e os seus gorilas não dão tréguas às lutas desencadeadas pelos operários, camponeses e estudantes, principalmente em Euzkadi (País Basco), que foi ocupado militarmente. Centenas de prisões, torturas e mortes, e uma desenfreada caça ao homem são o saldo do podre regime ditatorial espanhol.

O Governo Provisório português ao "desaconselhar" a realização de um comício de solidariedade com os presos políticos espanhóis, no passado dia 5 de Dezembro, demonstrou

mais uma vez que primeiro estão os acordos diplomáticos firmados pelos capitalistas, o "Pacto Ibérico" assinado por Franco e Salazar e só depois o apoio aos trabalhadores em luta contra os fascistas espanhóis.

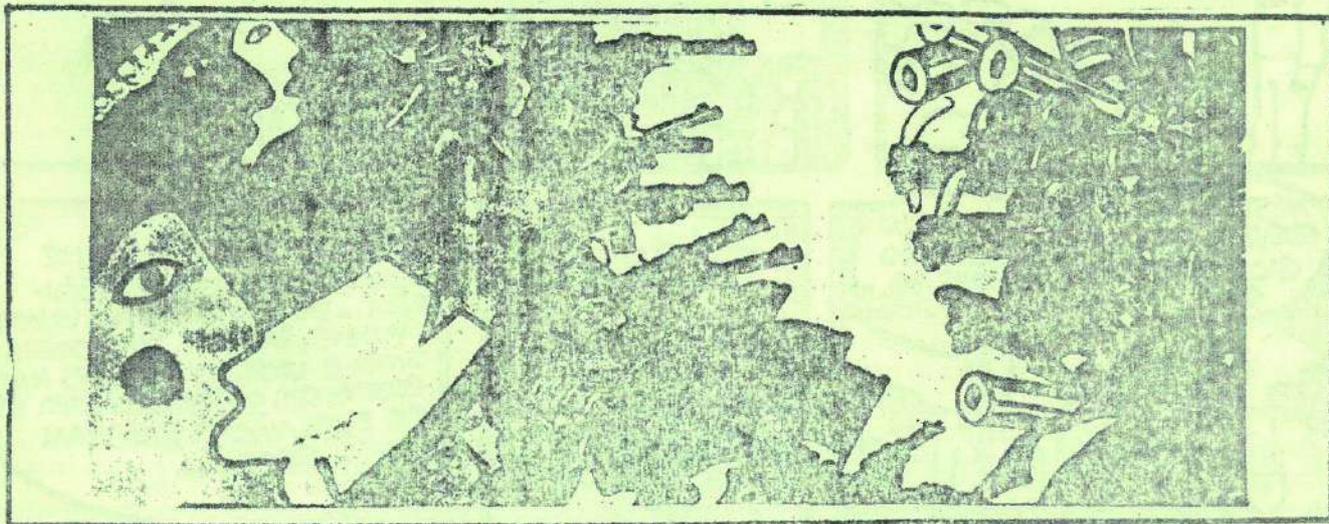
Em Portugal os trabalhadores não devem ficar de braços caídos e permitir que isto se faça. Antes pelo contrário, deverão lutar ao lado dos camaradas espanhóis contra o inimigo que é o mesmo, manifestando desde já a sua solidariedade profunda para com a sua luta.

ABAIXO A DITADURA ASSASSINA DE FRANCO !

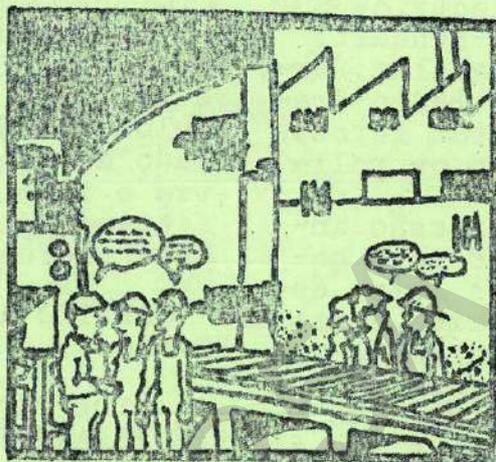
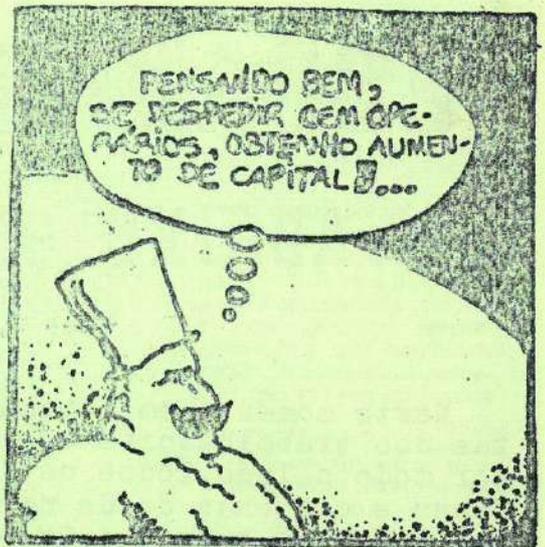
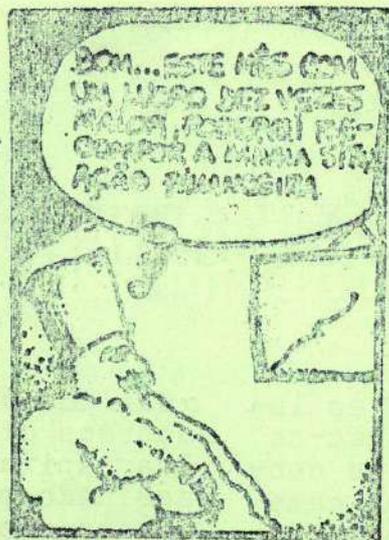
LIBERTAÇÃO IMEDIATA DOS CAMARADAS ESPANHOIS !

ANULAÇÃO IMEDIATA DO PACTO IBERICO !

QUE PORTUGAL SEJA UMA BASE DE APOIO À LUTA DOS TRABALHADORES EM ESPANHA E DE TOTO O MUNDO !!



A greve é a arma da luta contra os despedimentos.



TODOS EM GREVE ATÉ À READMISSÃO DOS NOSSOS CAMARADAS!

